



2018

# Representação da Raça Negra na Literatura Escolar e Juvenil Norteamericana do Seculo XIX

Karl M. Lorenz  
*Sacred Heart University*

Follow this and additional works at: [https://digitalcommons.sacredheart.edu/ced\\_fac](https://digitalcommons.sacredheart.edu/ced_fac)

 Part of the [Curriculum and Instruction Commons](#), [International and Comparative Education Commons](#), and the [Social and Philosophical Foundations of Education Commons](#)

## Recommended Citation

Lorenz, Karl M. Representação da Raça Negra na Literatura Escolar e Juvenil Norteamericana do Seculo XIX. In: Congresso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana, 13, Montevideo. *Actas*, Montevideo, Uruguay, 2018, pp. 474-491.

This Conference Proceeding is brought to you for free and open access by the Isabelle Farrington College Of Education at DigitalCommons@SHU. It has been accepted for inclusion in Education Faculty Publications by an authorized administrator of DigitalCommons@SHU. For more information, please contact [ferribyp@sacredheart.edu](mailto:ferribyp@sacredheart.edu), [lysobeyb@sacredheart.edu](mailto:lysobeyb@sacredheart.edu).

**XIII Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación**

**Días 28 de febrero al 3 de marzo de 2018**

Eje Temático : “Presencias “invisibles” en la historia de la educación: estudios de género, etnia y religión”

**REPRESENTAÇÃO DA RAÇA NEGRA NA  
LITERATURA ESCOLAR E JUVENIL  
NORTEAMERICANA DO SÉCULO XIX**

Karl M. Lorenz

[lorenzk@sacredheart.edu](mailto:lorenzk@sacredheart.edu)

Sacred Heart University

U.S.A.

2018

# Representação da Raça Negra na Literatura Escolar e Juvenil Norte-americana do Século XIX

Karl M. Lorenz  
Sacred Heart University  
U.S.A.

Em seu famoso livro de 1830, *Democracia na América*, Alexis de Tocqueville observou que os Estados Unidos era composto por três raças: branca ou europeia, negra e índia. Democracia, ele declarou, era uma característica marcante dos anglo-americanos, e que a presença dos índios, e especialmente dos negros, ameaçou o espírito democrático desta nação (p.37). Em sua viagem de nove meses para os Estados Unidos, Tocqueville teve pouco contacto com as escolas e os livros escolares. No entanto, se o historiador francês tivesse examinado os textos adotados nas escolas norte-americanas, ele teria encontrado o conceito de uma hierarquia racial em que os euro-americanos ocuparam a posição superior e a raça negra a posição inferior.

Este trabalho discute o conceito de "raça" e como os autores de livros didáticos norte-americanos representaram os africanos e os afro-americanos nos anos 1700 e 1800. A narrativa centra-se nas representações de afro-americanos - e às vezes caracterizações de brancos ou anglo-americanos - em três tipos de livros escolares primários: livros de leitura ou selectas, e textos de história e de geografia. Para melhor entender a mentalidade de seus autores e as idéias raciais que circulavam na época, também são apresentados trechos de vários notáveis periódicos juvenis e publicações científicas.

## Raça

A noção de "raça" nos Estados Unidos nos séculos XVIII e XIX foi baseada, em parte, pela experiência dos norte-americanos com a escravidão. Pelo contato com os africanos estirpados e culturalmente alienados em cativeiro, as comunidades brancas no norte e no sul do país experimentaram suas limitações e fragilidades, e as condições e os efeitos deletérios da servidão forçada. Escravos africanos foram introduzidos primeiramente no Estado da Virgínia em 1619. Apesar de que a escravidão foi declarada ilegal em algumas partes dos Estados Unidos, em 1700 o número de escravos aumentou no sul do país, com a crescente demanda de trabalhadores para os campos de algodão. Em oposição à escravidão, o Congresso dos E.E.U.U. proibiu a importação de escravos da África em 1808, e aprovou a emancipação dos escravos em 1862 nos estados do sul durante a guerra civil norte-americana e a abolição da escravidão

no país em 1865. O período previo a Guerra Civil norte-americana (1861-1865) foi caracterizado pela tensão entre os defensores pró-escravidão no sul do país e abolicionistas anti-escravidão no norte. Os pontos de vista das duas facções e, em particular, a sua representação do negro foram comunicados pela linguagem e o conteúdo das diferentes formas de literatura infantil.

O conceito de "raça" nos E.E.U.U também foi influenciado pelos retratos de missionários, aventureiros, exploradores, colonos e militares que descreviam os povos espalhados pelo globo. Descrições de países distantes e culturas desconhecidas foram acessíveis ao público norte-americano. Os cientistas tomaram conta destas obras e ofereceram explicações sobre a origem e a natureza dos povos com pele escura. Cientistas como Linnaeus, Buffon, Cuvier, Saint-Hilaire, Milne Edwards, Darwin, Wallace, Agassiz e outros sistematicamente abordaram tais questões. Uma teoria racial particularmente influente e amplamente discutida foi associada com o cientista britânico Francis Galton, que em 1865 propôs que um grande número de características físicas, mentais e morais dos seres humanos eram inatas e herdadas, e que algumas raças eram por natureza superiores e outras inferiores. Textos sociais por Buckle, Kidd, Le Bon, Lapouge e os Darwinistas sociais apoiaram a tese de Galton.

Observações e especulações sobre a origem e natureza das raças circulavam livremente entre as nações. Sem dúvida, autores de livros didáticos norte-americanos no século dezanove estavam cientes das idéias científicas e pseudo-científicas associadas com as diversas teorias raciais.

### *Representação de Raça nos Livros Escolares*

No século XIX as escolas primárias ensinaram leitura e escrita, aritmética, história e geografia. Durante esse século houve um crescimento na publicação de livros escolares e outros gêneros de literatura juvenil. Grande parte dessa literatura abordava o conceito de "raça". Muitas selectas, geografia e história abertamente e implicitamente influenciaram as percepções dos jovens leitores através de descrições das características físicas das raças, seus comportamentos e suas sociedades. Informações sobre as raças foram transmitidas de ponto de vista de que as variedades de Homem podem ser classificadas e organizadas em uma escala hierárquica que organizava as raças mais desenvolvidas até as menos desenvolvidas. Neste trabalho os conceitos constituintes deste tema central são explorados nos livros escolares e literatura juvenil e adulta do século XIX.

## *Cor e Raça*

O conceito de raça foi estabelecido por cientistas naturais dos séculos XVIII e XIX em suas tentativas de categorizar os diferentes povos do mundo. Dependendo dos critérios adotados e a quantidade de informação disponível sobre diversas populações, naturalistas identificaram, como notou Charles Darwin em 1871, entre dois para 63 categorias de Homem (pp. 232-233).

Os naturalistas da época definiram “raça” em termos de suas características físicas, tais como a forma do crânio e seu correlato desacreditado de capacidade intelectual e sua organização social. A característica principal, porém, era a cor da pele. Muitos sistemas de classificação de raça estabeleceram divisões baseadas em coloração branca, preta, vermelha, amarela e marrom.

Os livros didáticos norte-americanos transmitiram esta noção. Para os leitores jovens, numerosos textos como a *Geografia de Peter Parley para iniciantes* (1845) identificaram três raças: Negros ou o povo preto, índios ou o povo de cor de cobre e os brancos descendentes de europeus (p. 41). Estas categorias constituíram uma maneira simples de simplificar as discussões sobre a diversidade dos povos na literatura infantil. Para os alunos de maior idade, as categorias eram mais complexas. Num trabalho publicado no livro de Kimber (1815) as características físicas, sociais e culturais de seis raças de Homem foram discutidas. O autor diferencia as raças pelo cor da pele e nota que havia alguma variação na tonalidade das cores. Os povos polares eram de cor marrom profundo, quasi preto; os tártaros exibiram pele morena; os asiáticos do sul eram pálidos e de cor de azeitona; os negros, pretos; os indígenas norte-americanos, vermelhos e cor de cobre; e os caucasianos, brancos. Textos de geografia subsequentemente apresentaram descrições semelhantes em seus agrupamentos raciais. Alguns autores atribuem grande importância às variações da cor da pele. Kimber, ao discutir a diversidade racial, oferece ao jovem leitor essa avaliação:

É inegável, que das cores pelas quais a humanidade é diversificada, branca não é apenas a mais bonita, mas também a mais expressiva. A pele clara torna-se como um véu transparente para a alma, através da qual todos os tons de paixão e cada mudança de saúde podem ser vistas sem a necessidade de elocução verbal. Onde no preto Africano e na pele morena do asiático o semblante é um indicador menos preciso da mente ou das sensações corporais (p. 157).

A explicação mais aceita para a variação na cor da pele foi o efeito do clima. Central a esta tese é a idéia de que a luz solar pode causar alterações na cor da pele e que essas mudanças são passadas de uma geração para a seguinte. A relação causal entre a cor da pele e do clima

foi estabelecida através da observação de que os povos escuros predominam em ambientes quentes e tropicais, onde a luz solar é intensa; e que as pessoas brancas prevalecem em climas temperados e gelados, onde há menos luz solar. A relação entre o clima e as características raciais é sugerida por Kimber. Ao descrever o quarto de seis raças, a Negra, o autor oferece o seguinte perfil de nativos africanos que vivem em um ambiente tórrido: "Enfraquecido pelos calores de seu clima, a carne dos negros africanos é flácida e o todo o corpo relaxado ; enquanto os seus poderes mentais em geral participam da fraqueza de seus corpos" (p. 153).

No ensaio "Imagens de várias nações", publicado em uma revista popular de crianças norte-americanas, a questão de como as raças preta, marrom, vermelho e amarela evoluíram foi discutida. A resposta foi o efeito do sol, calor e frio. O autor observa que os povos nas zonas tórridas tendem a ser pretos ou marroms, enquanto aqueles em climas temperados tendem para a brancura. O que é de interesse é a sugestão de que as mudanças no clima podem causar uma mudança na tez, do branco ao preto ou marrom, e inversamente a do preto e marrom para branco. Em apoio a esta conclusão o autor relata o caso de um índio chamado Samuel Adams, que afirmou que sua pele tinha mudado de cor durante catorze anos, até seu estado que era quase branco. Também citou a observação de um Dr. Dwight que afirma que ele conhecia um homem que era "originalmente preto . . . como outros negros; mas, neste momento, ele era quase inteiramente branco, e de uma tez clara, fresca e delicada" (Goodrich, 1848, p. 19).

A afirmação de que a cor da pele de uma pessoa pode mudar é retomada no mesmo ensaio. Desafiando a credulidade, o autor associa a limpeza com o a raça quando relatou sua experiência com os Yonkers, um grupo de famílias pobres brancas que viviam em condições miseráveis em Nova Iorque. O autor descreveu suas cabanas imundas, sem um chão nem chaminé, e com camas de palha. No verão as crianças rolaram nos pisos sujos, com os porcos, e no inverno eles brincaram com as cinzas em salas enfumaçadas. Os jovens raramente foram lavadas e seu cabelos constantemente despenteados. O autor, em seguida, escreve:

A consequência deste imundo modo de viver pode ser fácil de adivinhar. Eles apareceram como uma raça diferente. Suas características foram muito alteradas; mas, muito mais, sua tez. Neste último aspecto, eles eram quase tão escuros como os índios norte-americanos. . . . Dos fatos precedentes, é fácil perceber como as pessoas brancas podem, no decorrer do tempo, tornam-se de cor escura, e até mesmo preta. Assim, admitindo que Adão e Eva foram criados brancos, seus descendentes possam, através da influência do clima e outras causas, tornar-se vermelhos e pretos mesmo (Goodrich, 1848, pp. 17-18).

A implicação de tais descrições para os jovens é que é possível para as pessoas brancas, literalmente, tornar-se pretas; e que, por extensão, os negros podem se tornar brancos, se eles viver como brancos (Goodrich, 1848, p. 16).

### *Origem das Raças*

Os cientistas dos séculos XVIII e XIX trabalharam sem cessar em seus esforços para catalogar e classificar os seres vivos, incluindo os humanos. A identificação dos grupos raciais levou à questão de como eles se originaram. Havia uma raça da qual todas as outras evoluíram, ou aparecerem várias raças ao mesmo tempo no passado? Argumentos para a primeira possibilidade foi defendida pela teoria científica de "monogenismo", enquanto que os argumentos para a segunda foram propostos pela teoria de "poligenismo".

Vários autores de livros didáticos aceitaram a teoria poligenista e defenderam a ideia de que os povos não brancos não descenderam de Adão, mas de criaturas pré-Adâmicas (Hoyle, 1875). Em 1867 B.H. Payne resumiu esse pensamento em seu tratado sobre o status etnológico do Negro Africano, afirmando que o raça negra antecedeu antepassados brancos referenciados na Bíblia, e que sua origem pode ser traçada para embarcação de Noé, quando ele "entrou na arca como uma besta, e apenas como uma besta". O autor sustentou que "o negro é uma espécie separada e distinta de *gênero homo* do aquele de Adão e Eva", porque "*o negro foi criado antes de Adão e Eva* [grifo do autor]" (Buckner, 1867, pp. 20-21). Da mesma forma, em 1891 William Campbell, sob o pseudônimo de "caucasiano", refutou a teoria da origem adâmica das raças na qual argumentava que os povos não-brancos não eram descendentes de Adão e, assim, não eram "irmãos no senso estrito, mas criaturas inferiores" e que "poligenismo era a única teoria coerente com a bíblia". Ele afirmou que o grande dilúvio era uma consequência dos casamentos entre os povo branco (Adâmica) e o não-branco (pré-Adâmico): "de nosso modo de pensar é a única união razoável e suficiente que explica a corrupção do mundo e seu consequente julgamento". Campbell (1891) ampliou o tema do castigo divino pelo cruzamento das raças para a instituição da escravidão nos Estados Unidos, quando afirmou que o " grande pecado do povo dos Estados do Sul a a razão que eles tenham sofrido tais calamidades era a miscigenação" (pp. 333-334). Esses argumentos circulavam livremente nas comunidades de muitos dos autores de livros didáticos.

Alguns livros escolares tomaram o ponto de vista da monogenismo quanto a origem das raças; isto é., que todas as raças humanas descendem de um único par de seres ou a partir de um tipo ancestral. A *Geografia de Stewart para iniciantes* (1864), por exemplo, declarou que Deus criou o homem que após um tempo virou corrupto. Irritado, Deus enviou um dilúvio que

destruiu o homem e besta, mas salvou Noé e seus filhos. Para garantir que seus descendentes não asumissem "a tendência universal da humanidade para a impiedade e a perversidade, Ele dividiu os homens por suas línguas, climas, e modos de vida". Assim, através da intervenção divina os homens tornaram-se "separados em raças, de cores diferentes, bem como de governos" (Stewart, 1864, p. 31). Também, Blake escreveu em seu *Geografia para as crianças* (1831) que "a condição miserável dos negros africanos demonstra que eles são descendentes de Ham, a quem a maldição de seu pai foi denunciada. Em cada porção da terra, onde a sua sorte pode ter caído eles são literalmente servos de servos" (p.33). Aqui, Blake faz referência à história de Gênesis em que Noé exilou Canaã, seu neto por seu filho Ham, depois de o patriarca foi encontrado bêbado e "descoberto", dizendo que Canaã será o "escravo" dos irmãos de HAM, que seriam os abençoados de Deus. Para os crentes, como Blake, os descendentes amaldiçoados de Canaã - e, portanto, Ham - eram os "condenados" Negros Africanos. As diversas interpretações raciais da escritura sagrada, expressas e implícitas nas narrativas dos textos de história e geografia, não poderiam ter deixado de impressionar os jovens criados em famílias religiosas, e sustentar a convicção do lugar humilde do negro na história bíblica e sua condição merecida de servidão.

### *Raça e Civilização*

Se caracterizavam as raças não apenas pela cor da pele, mas também pela organização social. Era comum em textos de geografia do século XIX de associar as raças com diferentes níveis de civilização. Como exemplo, se encontra no *Livro do governo e da lei* (1842) de Goodrich a categorização dos agrupamentos sociais em "bárbaro", "semi-bárbaro" e "civilizado". Em uma escala de desenvolvimento social, o estado civilizado é o ponto culminante devido ao "refinamento dos costumes, o conhecimento das artes úteis, e uma difusão geral do conhecimento" (p. 18). Esta caracterização reconhece que os europeus brancos representam o comportamento civilizado e que os povos pretos e pardos estavam longe de superar suas condições primitivas.

A raça e o comportamento e organização social eram frequentemente discutidos em conjunto quando caracterizando os diferentes povos. Esta mescla de conceitos é exemplificada no texto de geografia elementar de Warren (1868). O autor escreve que há cinco variedades de homem - preto, vermelho, marrom, amarelo e branco - e que eles apresentam diferentes estágios de comportamento civilizado, resultando em quatro classes da sociedade. O primeiro grupo de humanos é composto por "selvagens" que "constitui a classe mais baixa e mais degradada. Os índios e a maioria das tribos negras são selvagens". Em seguida, há "tribos bárbaras" que pertencem à raça parda. Eles possuem mais habilidades do que os selvagens, embora ambos os



povos se envolvem em guerra o tempo todo, não têm cidades, vilas ou habitações, e não cultivam a terra. A terceira sociedade representa "as pessoas semicivilizadas" que pertencem quase totalmente a raça amarela. Eles vivem em cidades e vilas, desenvolvem as Artes, mas fizeram pouco progresso quanto ao conhecimento. Finalmente, há os "civilizados" que são os povos mais poderosos e avançados ao respeito do conhecimento. A maioria dos povos civilizados pertencem à raça branca (pp. 25-26).

Alguns compendios reconheceram o estado humilde da raça negra e vincularam seu progresso a intervenção da raça branca. Os textos transmitiram a impressão de que, sem ajuda, Negros eram incapazes de sair de seu estado primitivo, porque eles "não contêm em si as sementes necessárias para o avanço cultura". Neste ponto, alguns autores concordaram com a afirmação do naturalista francês Quatrefages, em 1843, em um artigo na *Revue de Deux Mondes*, "que o negro Africano foi incapaz de alcançar uma civilização espontânea" (Graves, 2001, p. 147).

O aconselhamento e a supervisão pelos povos civilizados são necessários se a raça negra vai evoluir. Guyot em sua *Geografia para a escola comum* (1866) afirmou que embora a grande "massa da raça negra" esteja em um estado selvagem, quando trazido sob a influência de "nações cultas" os negros podem demonstrar um elevado grau de progresso (p. 118). O alegado efeito benéfico da confluência das raças branca e negra no período pós-Guerra Civil nos Estados Unidos é resumido em um livro escolar sul da seguinte forma: "O treinamento sistemático dado a ele durante o seu período de servidão, e seu contato com a inteligência superior deram ao negro um impulso para a civilização que nem sua inclinação inerente nem o seu ambiente nativo produziram" (Chambers, 1889, p. 354). Elson sugere que as crianças que lerem esses livros escolares do século XIX assumiriam que o negro era incapaz de ser auto-suficiente e, portanto, "deve ser cuidado pelos brancos como seria de cuidar uma criança" (1964, p. 98).

### A Hierarquia Racial

O conceito de uma hierarquia racial que classificou os seres humanos de acordo com suas características físicas foi amplamente discutido nos séculos dezoito e dezanove. A organização das raças em ordem crescente, da mais primitiva para a mais avançada, foi baseada na crença intuitiva de uma grande "cadeia de seres", em que todos os seres vivos poderiam ser organizados de acordo a uma escala crescente de complexidade física e comportamental - levando a perfeição - com o culminar sendo o Homem. Dentro dessa escala, as raças dos homens foram identificados pela sua cor de pele, suas características físicas, como a forma de seu crânio e capacidade intelectual associada, e nível de desenvolvimento de suas sociedades. Segundo

Linnaeus, nesta hierarquia a raça branca ocupa a posição mais alta e as raças pretas e marroes as mais baixas (1758, p. 147). Neste sentido, os naturalistas franceses Henri Milne Edwards e Achille Comte no *Cahiers d'histoire naturelle* (1833-1853) argumentaram que havia so uma espécie humana (*Homo sapiens*), composta de raças diferentes, e que a raça caucasiana é a mais avançada e a raça negra a mais inferior, e alegaram que esta conclusão era incontestável.

Os conceitos de inferioridade e superioridade raciais eram embutidos nas narrativas dos livros escolares do século XIX. Representações negativas e positivas das raças refletiram suas posições na hierarquia do Homem. Elson, por exemplo, observa que os textos introdutórios de geografia de Rudd (1816) e Cummings (1817) retrataram África como um continente nao-civilizado, como um lugar de "monstros" que demonstram "um estado mais baixo de barbarismo" (1964, p. 87). Com base em uma suposta correlação científica entre a cor escura da pele e a fraca capacidade intelectual, os habitantes da África foram descritos, em termos altamente negativos, como sendo "destituídos de inteligência" (Elson, 1964, p. 88). Um exemplo de tais retratos negativos pode ser encontrado na descrição das seis variedades de raça apresentada por Kimber em 1815. Ao descrever a quarta raça, os negros, o autor comenta sobre suas deficiências intelectuais no seguinte trecho:

Seu gênio é extremamente limitado: eles são indolentes, e muitas vezes travessos; eles possuem poucas qualidades que geram respeito, mas seus sentimentos são agudos, e eles são capazes dos maiores extremos tanto de amor quando de ódio; a religião, a razão, e humanidade, portanto, nos induzem a tratá-los, quando possível, com brandura; ou melhor deixar de molestar-os em seus prazeres nativos, porém, imperfeitos (p. 153).

Em alguns livros escolares as características raciais negativas do negro parecem justificar a escravidão. Moore (1793), por exemplo, em sua selecta faz a afirmação de que "a natureza formou os diferentes graus de gênio, e os caracteres das nações, que raramente mudam. Por isso, os negros são os escravos de outros homens ... " (p. 300). Como Elson observa em sua crítica dos livros de história, "Em geral, a justificativa para a escravidão ou a posição servil está implícita nas supostas características raciais do negro e não é declarada" (1964, p. 91).

Junto com o conceito de inferioridade negra, os compendios abordaram a superioridade branca. Em suas narrativas, muitos livros se deleitavam com o domínio branco. Essa opiniao foi influenciada pela a história das conquistas europeias e a supressão dos povos da África, das Américas, e do sudeste asiático e as ilhas do Pacífico. Também foi influenciada pelas afirmações de cientistas na epoca.

Georges Cuvier, o eminente anatomista comparativo francês, acreditava que haviam três raças principais: o europeu ou branco, o mongol ou amarelo, e o etíope ou negro. Referente a

raça branca, ele escreveu em 1831 que esta se distingue pela "beleza da forma oval de sua cabeça, variando em tez e cor do cabelo". As nações altamente civilizadas são produtos dos caucasianos, que demonstraram ser superiores aos outros povos devido a seu temperamento, coragem e assiduidade. Em relação ao negro, Cuvier escreveu que ele é caracterizado por "uma tez negra, cabelos lanosos, um crânio comprimido e um nariz achatado. A projeção das partes inferiores do rosto e os lábios grossos evidentemente aproximá-lo à tribo macaco: as hordas que o compõem permaneceram sempre no estado mais completo da barbárie" (p. 52). Sua caracterização influenciou muitos cientistas que procuravam identificar as diferentes raças, seus estágios de desenvolvimento e contribuições.

Os livros escolares tipicamente louvaram a raça branca e desprezaram a raça negra, como visto em este trecho de um livro publicado em 1840: "A mais nobre das cinco raças de homens e a europeia ou caucasiana . . . As instituições mais valiosas da sociedade e as invenções mais importantes e úteis tem-se originado com as pessoas dessa raça" (Nietz, 1961, p. 216). Kimber (1815), também, observou que a raça caucasiana exibe algumas características em comum, mesmo que ela é composta de povos que estão distribuídos por todas as partes do globo. Há, ele nota, uma uniformidade impressionante na cor da pele, na beleza e na proporção nos membros do corpo, e no alcance de sua capacidade intelectual. Sua ciência e as artes são bem desenvolvidas e "as melhores virtudes do coração, as quais podem melhorar ou adornar a natureza humana, encontram-se em um grau eminente" (p. 156).

A superioridade da raça branca e a inferioridade da raça negra também foram transmitidas pela literatura infantil. Um exemplo da noção de superioridade racial implícita nas histórias dirigidas aos jovens leitores é um conto escrito em 1863 por Washington Irving, no qual é relatado o mito dos índios do tribu Seminole sobre a criação das três grandes raças: a branca, a vermelha e a negra. No conto, o Grande Espírito disse ter tomado lama e formou o primeiro homem, que era negro. Insatisfeito, Ele deu forma a um segundo homem, que era vermelho. Embora melhor, esta ser ainda foi indesejável. Finalmente, o Grande Espírito criou um terceiro homem, que era branca e agradável. O Grande Espírito então ficou satisfeito porque sua tentativa de povoar a terra com as criaturas mais nobres foi bem sucedida. Este conto lírico da criação, implicitamente, estabeleceu as posições de superioridade e inferioridade das três raças principais do país (pp. 294-296).

### Simpatia Pela Raça Negra

Os contos encontrados nas selectas e nas revistas infantis também descreveram características dos grupos raciais de uma forma desconhecida em outros livros escolares. Em

contraste com os textos de história e de geografia, os livros de leitura e os periódicos juvenis muitas vezes salientaram a qualidade moral da raça negra. Contos simpatizantes sobre os negros que enfrentam dilemas físicos e espirituais e que necessitavam nobreza em ação e pensamento, substituíram as interpretações neutras, críticas, e muitas vezes distantes de seus costumes, hábitos e crenças encontrados nos outros livros didáticos.

Trechos compassivos e respeitosos descreviam as condições deploráveis dos negros em cativeiro. Apesar de não abordar especificamente a questão da raça, vinhetas que aparecem nos livros de leitura frequentemente criticaram o tratamento dos escravos e humanizaram-os por extrair lições morais de seu comportamento e condições. Um episódio comovente foi relatado em 1865 pelo abolicionista John Redpath na revista *Companheiro da Juventude*. O autor descreve, com uma franqueza perturbadora, um leilão de escravos em que uma mulher com uma criança no seu peito, e uma filha de sete anos de idade, subiu os degraus da plataforma para ser vendida. O escritor manifesta a sua indignação e vergonha quando observava o seguinte:

. . . a pobre mãe preta, com seu bebê meio-branca; com a ansiedade de um futuro incerto entre mestres brutais antes dela; e a jovem ao seu lado, também, tão inocente, mas predestinada pela natureza da escravidão para uma vida de trabalho duro e imoralidades involuntárias. Eu teria sido menos do que homem se ter olhado estoicamente e sem indignação como ela e seus pequeninos foram vendidos. Acho mil dólares foram licitados para ela. Ela foi então levada para a sala interior . . . e uma dúzia ou quinze homens seguiu-a. . . mas quando os miseráveis saíram, um deles me disse friamente que "eles tinham a examinado," e as observações brutais de alguns dos outros, confirmou este relato vergonhoso. Ela subiu de novo no bloco, e a leilão re-iniciado (p. 202).

Contos simpatizantes de escravos negros foram relatados em revistas infantis, como *O amigo dos escravos*, que foi publicado pela Sociedade Norteamericana Contra a Escravidão. (American Anti-Slavery Society). O periódico era uma publicação pró-cristã e anti-escravista dirigida a crianças muito jovens, com o objetivo de inculcar o sentimento de "amar os pobres escravos". Como exemplos, "Rose e Miss Belle" é uma história de Isabella, uma menina de oito anos, que perguntou se sua babá negra, Rosie, era feliz. Rosie respondeu que "iria morrer amanhã para ser livre hoje", e depois soltou: "Oh, respirar livremente é bom - respiração livre é boa", enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto (1836, pp. 11-12). No conto, "Um Negro nobre", um pobre servo preto deu seu assento em um barco de salvavidas para dois meninos brancos sob seus cuidados quando seu navio começou a afundar. Suas palavras de despedida foram, "dar meus respeitos ao meu senhor, e dizer a ele que eu sinto muito por todos os meus

defeitos", e então ele com o navio afundaram até o "fundo do oceano, nunca mais para se levantar, e até o mar liberar seus mortos" (1835, pp. 9-10).

O sentimento anti-escravista e abolicionista encontrado em muitas selectas e revistas juvenis visou formar atitudes consistentes com crenças religiosas. A ideologia cristã rebateu as caracterizações negativas da capacidade social, física e intelectual da raça negra. Histórias perturbadoras sobre a captura, transporte, venda e trabalho manual dos africanos passou de mão em mão com injunções bíblicas contra a escravidão e apelos contra o racismo. Ao confrontar a questão dos africanos e escravidão, os princípios cristãos estavam em contraste direto com os argumentos sociais e científicos da existência de uma hierarquia de raças. Essas duas visões contraditórias não foram igualmente examinadas na literatura juvenil e infantil (Koch, 1991, pp. 410-411).

### Considerações Finais

Ruth Elson, em seu trabalho *Guardiões da tradição* (1964), demonstrou de forma convincente que as selectas e os compendios de geografia e história, utilizados nos primeiros oito anos de escolaridade no século XIX, revelam características duradouras da cultura norte-americana. As experiências de anglo-americanos com os afro-americanos, os relatos dos povos primitivos com pele escura, e as teorias raciais científicas e sociais influenciaram os pensamentos dos autores da literatura destinada às crianças.

Não se pode ignorar o fato que dentro da literatura juvenil foram encontrados temas que representavam os valores da nação. Temas de "americanismo" permeavam o conteúdo e linguagem dos livros escolares primários. Especificamente, as representações dos conceitos de "raça" e "hierarquia", como eles se referiam a anglo- e afro-americanos, são conteúdos culturalmente determinados que os autores comunicaram aos seus leitores. Dependendo do tipo de texto - história, geografia ou selecta - o ano de publicação, a idade da criança, o conhecimento possuído pelo autor, e os paradigmas raciais que circulavam na época da publicação, livros escolares variam nas representações das raças. Em geral, as descrições impessoais e emocionalmente remotas da raça negra nos textos de história e geografia foram contrabalançadas por representações simpáticas nas selectas e nas revistas infantis e juvenis.

## Referências

- American Anti-Slavery Society (AASS). (1835). The Noble Negro, *The slave's friend*. 1, pp. 9-10
- American Anti-Slavery Society (AASS). (1836). Rose and Miss Belle. *The slave's friend*, 10, pp. 11-12
- Blake, J. (1831). *A Geography for children*. Boston, MA: Richardson, Lord and Holb
- Buckner, P. (1867) *The Negro: What is his ethnological status?* Cincinnati, OH: Published for the proprietor,
- Campbell, W. (1891). *Anthropology for the people: A refutation of the theory of the Adamic origin of all*. Richmond, Va., E Waddeu co., 1891
- Chambers, H. (1889). *A higher history of the United States for schools and academies*. New Orleans, LA: Hansell & Bro.
- Cummings, J. (1817). *An introduction to ancient and modern geography*, Boston, MA: Cummings & Hilliard.
- Cuvier, G. (1831). *The animal kingdom Arranged in conformity with its organization*, Vol. I. Trans. H. Murtrie, New York: G. & C. & H. Carvill.
- Darwin, C. ((1871). *The descent of man, and selection in relation to sex*. New York: Hill Press.
- Elson, R. (1964). *Guardians of tradition: American schools of the nineteenth century*, Lincoln, NE: University of Nebraska Press.
- Galton F. (1865). Hereditary Character and Talent. *Macmillan's Magazine*, 12, 157-166.
- Goodrich, S. (1842). *The young American, or, book of government and law: showing their history, nature and necessity: for the use of schools*, New YorkL , William Robinson.
- \_\_\_\_\_ (1845). *Peter Parley's geography for beginners*. New York: Huntington & Savage.
- \_\_\_\_\_ (1848). *Robert Merry's museum*. New York: G.W. & S.O. Post,
- Graves, J. (2001). *The emperor's new clothes: bBiological theories of race at the millennium*. New Brunswick, NJL Rutgers University Press.
- Guyot, A. (1866). *The earth and its inhabitants: common-school geography*, New York: Charles Scribner and Co.
- Hale, S. (1836). *History of the United States: from their first settlement as colonies, to the close of the war with Great Britain in 1815*. Philadelphia, PA: Uriah Hunt.
- Hoyle, L. (1875). *The pre-Adamite, or, who tempted Eve?: scripture and science in unison as respects the antiquity of man*, Philadelphia, PA: J. B. Lippincott & Co.
- Irving, W. (1863). *The works of Washington Irving*, Vol. 16. New York: G.P. Putnam
- Koch, C. (1991)*The virtuous curriculum: schoolbooks and American culture, 1785-1830*, Diss. University of Pennsylvania, Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press
- Kimber, T. (1815). *The American class book, or, a collection of instructive reading lessons adapted to the use of schools: selected from Blair's class book, etc*. Philadelphia, PA: Kimber & Richardson.
- Linnaeus, C. (1758). *Systema naturae per regua tria naturae: secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonymis, locis*. 10th ed., Stockholm: Laurentius Salvius.

- Milne-Edwards, H. & Comte, A. (1833-1853). *Cahiers d'histoire naturelle*. Paris, Crochard & Masson.
- Moore, J. (1793). *The young gentleman and lady's monitor and English teacher's assistant*. New York: Samuel Campbell.
- Nietz, J. (1961). *Old textbooks: spelling, grammar, reading, arithmetic, geography, American history, civil government, physiology, penmanship, art, music, as taught in the common schools from colonial days to 1900*. Pittsburgh, PA: University of Pittsburgh Press.
- Redpath, J. (1865). Eye and ear notes: the slave sale again. *The Youth's Companion*. Boston, Olmstead & Co.,
- Rudd, J. (1816). *A compendium of geography: containing, besides the matter usual in such works, a short system of sacred geography*. Elizabethtown, NJ: J. and E. Sanderson.
- Stewart, K. (1864) *Geography for beginners*, Richmond, VA: J. W. Randolph.
- Tocqueville, A. (2003). *Democracy in America*, Trans. Gerald Bevan, New York: Penguin Books.
- Warren, D. (1868). *A new primary geography*. Philadelphia, PA: Cowperthwait & Co.